

## a pedra da tristeza

Luciano Cabral

Tomaz trabalhava todos os dias com seu pai, já tinha onze, não sabia ainda, mas receberia o mundo em forma de rede, antes, ficava na praia treinando arremesso numa pequena rede feita de sobras, agora, fora promovido à tarrafa de argolas, franzino, pernas moles, mãos fracas, mas queria mostrar que podia também ser tão pescador quanto os outros, e jogava a tarrafa, puxava e jogava novamente, as redes não metiam medo, o mar não metia medo, as histórias que o mar guardava metiam medo, 'meu pai foi arrastado por um peixe gigante, ele foi levando o barco tentando fazer o peixe desistir de cansado, mas o danado era duro, os outros pescadores pularam, mas ele não, disse que ia pescar o maior peixe do mundo pra viver de comer peixe e não precisar trabalhar pro resto da vida, dele e do barco nunca mais ouvi falar', dizia Cirilo Vagaroso, enquanto enrolava a rede, 'o mar é traçoeiro, quando menos se espera, ele te engole, nunca é bom olhar muito fixo pro fim do mar, você vai querer chegar lá e vai endoidecer, porque o mar nunca tem fim, nem tem fim, nem tem começo, o mar é água que tem vida, o mar é vivo, seja bom com ele e ele vai ser bom contigo', orientava Honório, velho também mas não tão vagaroso quanto Cirilo, 'bom Iemanjá te proteger, garoto, pede pra ela, ela fica aqui, lá, fica em toda parte', pregava Conrado, lavando as mãos na água salgada, 'já vi ondas do tamanho que podiam engolir esse lugar inteiro e mais a cidade, filho, e não foi uma vez só, a onda vinha me pegar dos dois lados, eu pescava sozinho nesse dia, foi o pior de todos os dias de ondas, eu não tinha chance senão tentar passar por dentro delas, eu fui mais do mar do que elas nesse dia porque eu não tremi, eu mirei bem no meio da onda e quando ela chegou, eu só tive tempo de fechar os olhos, foi o dia que eu vi a dona do mar, eu vi a dona do mar, quando eu abri os olhos, as ondas já iam lá atrás do barco, longe no horizonte, e eu vi a dona do mar, foi ela quem me salvou', contava Matias Sabido, das histórias que Tomaz ouvia, as que mais o amedrontavam

eram as de seu pai, 'o pai do menino tinha morrido de repente, então, o menino teve que ir pescar sozinho pra sustentar a casa, a mãe, os irmãos, ele passou a pescar bem de noitinha, quando ninguém mais ia pescar, porque não queria ver os outros meninos saindo de barco com o pai e ele só, numa noite de lua bem bonita, dessas que o céu pede pra gente ficar olhando e esquece da vida, ele foi pescar como sempre fazia, daí, o menino voltou correndo pra vila, como se estivesse fugindo de uma coisa ruim, e chamou a mãe, os irmãos, os vizinhos, os outros meninos e todo mundo da vila pra ir com ele até a praia pra ver o que era um milagre, o barco dele veio cheio, muito cheio de peixe, ninguém podia acreditar, nem se ele ficasse três dias e três noites pescando, ele não juntava aquela quantidade toda de pescaria, a vila se viu num alvoroço e teve mais alvoroço quando ele disse que quem tinha ajudado a pescar aquilo tudo foi o pai dele, ninguém acreditou, a mãe abraçou o menino e foi com ele pra casa, mas ele insistiu na história e, depois desse dia, passou a esperar o pai na praia toda noite, sentado no mesmo lugar, sempre ali, sem se mexer, sem deixar de olhar pro fim do mar, num dia de manhã, o menino não voltou pra casa, a mãe preocupou a vila inteira porque ele nunca deixava de voltar, foram na praia, no mar, de um lado, de outro lado, em todo o lugar e nada, foi quando a mãe percebeu que no lugar onde o filho sempre sentava pra esperar o pai, tinha uma pedra, a pedra tinha a forma e o tamanho do menino dela como quando ele sentava bem ali, ninguém conseguiu arrancar a pedra de lá, era pesada, teimosa demais, batizaram de pedra da tristeza', agora Tomaz pescava sozinho porque seu pai estava velho, sua mãe desgastada, Judite ainda era um barco forte e Tomaz era o único que se arriscava a ir mais longe, ia longe buscar o que o mar já não trazia tão fácil, outros tempos mais difíceis agora, muitos pescadores haviam se mudado para outras vilas, Conrado foi um deles, renunciou das redes, Tomaz decidiu ficar, persistindo na pesca, não sabia fazer outra coisa, Judite chegava em casa quando a noite perdia o calor, mas hoje ela desembarcou seu tripulante em outra margem, no quintal de Matias Sabido, 'ela veio do mar, seu Matias', 'com calma, rapaz, o mar sempre sabe o que faz', 'mas

ela está lá no barco', 'Tomaz, sossega o peito e conta', 'eu resolvi ficar mais um pouco no mar aberto, a noite já vinha esfriando, deixei à deriva e fiquei olhando a lua se mexer na água, foi quando eu vi que os peixes se agitavam perto do barco e eu quase podia colocar a mão neles, isso não é normal, nem Iemanjá deixa tão fácil assim, os peixes pulavam e batiam no casco, eu tive medo um pouco, nunca vi isso, mas arrastei, joguei a rede na água e os peixes sumiram todos, a revolta do mar virou uma calmaria, não ouvi mais nenhum barulho de peixe, nem de nada, tudo calado, ainda procurei perto do casco, mas os peixes tinham sumido, era muito peixe, se eu pescasse aquilo tudo, eu não ia precisar sair pro mar um mês, puxei a rede pra ir embora e no último resto que eu tirei e virei, ela estava lá, na minha frente, como o senhor aqui agora, ela chegou do mar, de lá que ela chegou, veio sem roupa nenhuma, nua do jeito que veio, a mulher mais bonita que eu já vi na vida toda, na vila, na cidade, a mais bonita que eu já vi, eu ofereci minha camisa pra ela, mas ela fez assim que não queria, ficou no canto do barco e não parou de me olhar até chegar na praia', Matias desprende o sorriso que guardava na boca, 'Iemanjá te mandou uma cria do mar, rapaz, ela é peixe e ela é gente, ela é gente e ela é peixe também, quando entra na água é peixe, quando sai é gente, gente igual eu e igual você', 'ela não fala nada, eu tentei conversar, mas ela', 'ela não fala como fala a gente, a gente usa palavra severa, ela canta, e ela canta um canto tão bom que faz a gente esvaziar a cabeça', Tomaz estava desconcertado, não arredava o pé, não piscava, tinha o queixo amolecido e a boca aberta, Matias abriu a porta de casa e arrastou os chinelos no capacho da entrada, 'volta lá logo, rapaz, ela não vem até você à toa', Tomaz correu para a praia e a viu fora do barco, ela estava de pé na areia, esperando que as ondas a tocassem, dava pequenos passos em direção ao mar toda vez que a água molhava seus pés, 'o vento aqui é frio, vem comigo pra casa', ela continuou caminhando, segurou Tomaz pela mão e andou em direção ao barco e cantou, cantou o canto que as águas sabem cantar, aquele que é melodioso, canto que o ouvido não recusa, timbre que outro instrumento não reproduz, Tomaz ouviu a melodia, ele seguiu a criatura, os dois entraram

no barco, já em alto mar, Tomaz percebeu que os peixes estavam inquietos, como antes, rodeavam o barco e batiam no casco como se pedissem para ser pescados, e ele os pescou, enquanto Tomaz pescava, ela mergulhou no mar, afundou, o canto vibrava forte ainda, Tomaz olhava a água, ouvia o canto, mas a criatura havia desaparecido, olhou para os peixes saltando na popa e depois para a água onde ela havia mergulhado, então ouviu seu nome ser chamado do fundo do mar, a voz vinha lá do fundo, olhou para a água e depois olhou para os peixes, havia pescado muitos, eles se remexiam dentro da rede e produziam um som indócil na madeira enquanto saltavam, Tomaz estava de pé e permaneceu assim, imóvel como uma pedra, à meia nau, ouvindo seu nome ser chamado, ouvindo os peixes baterem na popa e olhando para onde não devia, olhando fixo, bem fixo o fim do mar.